

“ATÉ HOJE QUANDO ESTOU CANSADA EU CANTO”: HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES

“EVEN TODAY WHEN I’M TIRED I SING”: THE LIFE STORY OF TEACHERS

Wolney Honório Filho
Rubislei Sabino da Silva
Universidade Federal de Goiás
Maria Carolina Forte
Instituto Federal Sul Rio-Grandense

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar a trajetória de vida da professora Maria de Lourdes Carneiro. O referido estudo é parte de uma pesquisa sobre a história de vida de destacados professores que vem sendo realizada no sudeste goiano. De modo específico, traz a trajetória educacional/profissional da Professora, através da abordagem (auto)biográfica em educação, ou seja, busca, por meio da entrevista semiestruturada, acessar as lembranças constituintes de memórias de um tempo de vida em que a escola se entrelaça e a constitui educadora. A história é analisada com o apoio teórico de Abrahão (2008); Nóvoa, (1992a); Hubermam, (1999); Josso, (2010); Imbernon, (2009); Tardif, (2008); Dominecé (2010); Gauthier (2006); entre outros. Apresenta, em suas considerações finais, a ideia de que nenhuma formação inicial, mesmo a oferecida em nível superior, é suficiente para o desenvolvimento profissional, apontando assim a necessidade de formação continuada que possibilite reflexão sobre a experiência cotidiana do ser professor.

Palavras-chave: Formação continuada, História de vida, Professor.

Abstract

This article aims to present the life history of teacher Maria Lourdes Carneiro. This study is part of a research on the life history of outstanding teachers, which is being held in south-east Goiás. Specifically, it brings the teacher’s educational/professional trajectory through (auto)biographic approach in Education, that is, it searches, by means of semi-structured interview, to access the remembrances which constitute the memories of a lifetime when school interweaves and constitutes her an educator. The history is analyzed with the theoretical support of Abrahão (2008); Nóvoa, (1992a); Hubermam, (1999); Josso, (2010); Imbernon, (2009); Tardif, (2008); Dominecé (2010); Gauthier (2006); among others. It presents, in its final remarks, the idea that no initial training, even those offered in the undergraduation level, is sufficient to the professional development, pointing, then, to the need of continuing training which allows the reflection on everyday experience of being a teacher

Key-words: Continuing education, Life history, Teacher.

Introdução

No campo da pesquisa em educação com abordagem biográfica, há questões que vêm norteando nosso interesse científico: onde estão os sujeitos da História Educacional deste país que pouco aparecem nos livros de História? Como os professores constroem histórias de si? O que demarca a formação de um professor?⁷ Essas questões povoam o projeto de pesquisa intitulado “Experiência de vida e formação docente em Goiás”⁸, o qual busca interagir com a memória educacional do sudeste goiano, através da localização, análise e interpretação de histórias de vida de professores nessa região.

Nessa perspectiva, o presente trabalho compreende esse esforço de evidenciar histórias de vida de professores, enveredando pela história de vida de uma educadora que viveu e se constituiu professora na pequena cidade de Urutaí⁹, interior do estado de Goiás¹⁰. Sua história nos mostra que o processo de constituição da docência se desenvolve no tempo, ao longo da vida, atravessando múltiplos contextos, vivendo vários dilemas, construindo conhecimento em vários domínios.

A história de vida da professora Maria de Lourdes Carneiro é um convite a olhar a história da educação no interior goiano com outros olhos. Conforme nos diz Lopes & Lima (2012) sobre o conhecimento produzido pelas histórias de vida,

[...] não está nos livros de história da educação brasileira. O que queremos está no interior da pessoa do professor, que experimentou, em cada década, a convivência com alunos, com diretores, com pais, com a burocracia da escola, com a legalidade, com os regimentos, com a disciplina/e indisciplina, com autoridade/ e autoritarismo, com a aprendizagem, com notas, com aprovação/e reprovação, com os castigos físicos e psicológicos [...]. (LOPES & LIMA, 2012, p. 13).

Caminhos da Pesquisa: escolhas e encontros

Se existe um repertório de conhecimentos próprios ao ensino, que repertório é esse? De onde vem e como é construído? Quais são os limites e quais as implicações inerentes à sua utilização?

CLERMONT GAUTHIER, 2006, p.19

Segundo Peretz (2007, p.212), “As histórias narradas por professores aposentados constituem fontes enriquecedoras com vista a um melhor conhecimento da natureza do processo de ensino”. Uma vez que somos margeados por essas ideias, a coleta de dados desta pesquisa pautou-se pela interação com alguém aposentado e preferencialmente que tivesse participado da formação de um dos pesquisadores¹¹. Foi aí que surgiu o nome da professora Maria de Lourdes Carneiro.

A entrevista foi realizada seguindo um roteiro semiestruturado, tendo, como ponto de abertura, informações sobre a vida privada da professora, onde e quando nasceu, nome dos pais e experiências/contatos na infância com o mundo da escola. Questões que abordassem o início da escolarização, lembranças da primeira professora, o ensino fundamental e médio, bem como a formação de nível superior. Também foram destacados, além de perguntas sobre seu processo de profissionalização, metodologias de ensino e a aposentadoria. Por fim, empreendemos um balanço geral sobre a carreira da docente.

Quem é Maria de Lourdes Carneiro?

Maria de Lourdes Carneiro, ou Dona Maria Carneiro, como é carinhosamente chamada em Urutaí - GO encanta e emociona ao falar da história da cidade. O movimento em sua casa é enorme, principalmente por pesquisadores e curiosos sobre a história da pequena Urutaí. É filha do Sr. José Emídio Sobrinho e Dna. Emídiá Carneiro, tendo nascido no dia 16 de abril de 1933, em um sábado de Aleluia, na fazenda Três Barras, denominada Lagoa. Ela é uma daquelas pessoas que cativa qualquer um, sendo normal uma simples visita durar três, quatro horas, uma vez que um assunto acaba levando a outro e assim por diante.

Podemos dizer que, graças a esse conhecimento misturado com toda uma simpatia, a professora Maria de Lourdes Carneiro é muito requisitada, ou seja, quem vai estudar ou falar qualquer assunto relativo à Urutaí, primeiramente tem que passar em sua casa. Ela também se destaca pela atuação dinâmica no meio religioso, tendo sido, por muitos anos, responsável pelo Dizimo da Igreja Católica, atuando também

7 Ver em HONÓRIO FILHO, 2009.

8 Projeto de pesquisa coordenado por Wolney Honório Filho, cadastrado no SAP – Sistema de Acompanhamento de Pesquisa, da Universidade Federal de Goiás, sob o número 251252.

9 Urutaí integra o grupo de municípios goianos que cresceram em função da construção da estrada de ferro. A passagem dos trilhos atraiu inúmeras famílias para trabalhar como funcionários e operadores da ferrovia. A inauguração da estação no município, em 15 de novembro de 1914, intensificou a ocupação em torno do prédio. Na fase inicial, contribuíram também migrantes vindos dos Estados de Minas Gerais e São Paulo e da região nordeste do país. No ano seguinte, ao redor da estação, avistava-se com facilidade casas em que moravam os ferroviários e lavradores. Também já eram erguidos depósitos para armazenamento de mercadorias.

Outro fator que contribuiu bastante com a ocupação foi a criação, pelo Governo, da Fazenda Modelo, onde hoje é a sede da antiga Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (atual Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí). Não demorou muito para que o pequeno arraial fosse elevado à categoria de vila. Em 15 de junho de 1915, a localidade passou a distrito. Mais tarde, o título foi revogado, e só em 22 de outubro de 1917, pela Lei Municipal nº 100, foi de fato consolidado tal status. Pela Lei Estadual nº 45, de 15 de dezembro de 1947, foi criado o município de Urutaí, desmembrado de Ipameri. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=522180&search=goias|urutai|infograficos:-historico>. Acesso em 07-10-2013.

10 Trata-se da Professora Maria de Lourdes Carneiro, ou Dona Maria Carneiro, entrevistada por Rubislei Sabino da Silva, em 05-05-2012. Cabe lembrar que este texto deu-se pela confluência de encontros: em primeiro lugar, como resultado parcial das reflexões realizadas na disciplina “Cultura e memória nos processos formativos”, desenvolvido na linha de Pesquisa História e Culturas educacionais, no PPGEDUC – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, no primeiro semestre de 2012; e também do debate colaborativo no campo da pesquisa (auto)biográfica entre os autores.

11 Neste caso, do professor Rubislei Sabino da Silva, natural de Urutaí - GO, onde foi escolarizado. Certo dia, naquele período em que pensamos nesta pesquisa, o prof. Rubislei estava à porta de sua casa, num daqueles momentos que poderia ser chamado de ócio, quando, de repente, viu subindo a professora Maria de Lourdes Carneiro. Ela parecia estar com muita pressa e trazia nas mãos um buquê. Como de costume, tinha como destino a missa das dezenove horas. No entanto, ainda parou para conversar um pouco. Naquele momento, em frações de segundos, passou pela sua mente a visão de uma professora da antiga terceira série do ensino fundamental, no ano de 1988, a qual o ensinou a famosa tabuada. Lembrou ainda de suas aulas de religião, do momento em que após a aula convidava seus alunos para aula de reforço em sua residência, enfim, de bons momentos vividos na presença daquela professora. Aquele repentino encontro aconteceu no momento certo, ou seja, estava ali à sua frente a professora a ser entrevistada.

como responsável por várias reformas dessa igreja. Esteve à frente da Renovação do Apostolado da Oração, inclusive está no segundo mandato como presidente desse Apostolado. Graças à sua atuação local, ficou responsável pela Coordenação Diocesana do Apostolado da Oração, em Urutaí e outras dez cidades. Além de desempenhar essas funções religiosas, há outra característica que a difere dos demais membros da igreja: é a primeira a chegar à igreja, nos dias de missa. Vale destacar que, além disso, ela também foi a responsável por organizar o Livro Tombo da paróquia local.

A partir de 2003, a professora Maria de Lorde Carneiro passou a fazer parte da Academia Urutaina de Letras, Artes e Ciência, tendo sido diversas vezes homenageada por esse órgão, inclusive emprestando seu nome para alguns concursos de poesia. Exerceu o magistério por muitos anos em Urutaí, no período de 1951¹² a 1990¹³. Graças à atuação enquanto professora, ela exhibe com muita satisfação diversos convites de formaturas de muitos ex-alunos, fazendo-se presente em todos os eventos para os quais foi convidada.

Abrahão (2008), no seu livro intitulado “Educadores Sul-Rio-Grandenses: muita vida nas histórias de vida” pontua “As professoras e os professores aqui reunidos, com suas vidas operosas e humildes – no sentido nobre da palavra – não são famosos, são destacados, porque eles se sobressairam ‘como professores que realmente influenciaram comunidades e gerações’.” (ABRAHÃO, 2008, p.8, grifos da autora). É assim que vemos a professora Maria de Lourdes Carneiro, uma destacada professora de Urutaí, interior do Estado de Goiás.

Os fios que constituem a educadora

Como os fios foram tecendo a trajetória de vida da educadora Maria de Lourdes Carneiro? Os “nós” de suas encruzilhadas se entrelaçam nos tempos de sua infância e juventude vividos em diferentes lugares, permeados pela rigidez familiar, pelo trabalho, pelas brincadeiras, pela escola. Esses elementos tecem configurações dessas fases de vida, marcando o ingresso na vida adulta.

Paulo Freire (1998), em sua obra *Cartas à Cristina*, ao relatar cenas de sua infância e juventude, fala de um tempo de grande ambiguidade, expressa por uma “geografia concreta” que interpenetrava dois mundos: o mundo do brinquedo e o de homens antecipados de gente grande, às voltas com as exigências de uma vida futura. Essa mesma geografia mapeia a história de vida de nossa pesquisada.

Ao narrar sua primeira experiência escolar, afirma: “Eu comecei a estudar aqui em Urutaí, numa escola que [...] se chamava Dr. Vasco dos Reis Gonçalves”¹⁴. Ainda, ao falar dessa época, recorda de sua primeira professora e diz: “Ela se chamava Hermínea, mas era tratada por todos de Dona. [...] Era exigente, mas uma ótima professora. A gente notava que ela era casada, tinha um cabelo muito grande, fazia seu coque. Era ótima professora, todos os pais gostavam dela”.

Percebemos o carinho pela referida professora. O amor exigente propiciou o desenvolvimento de um processo formativo marcado por valores fundamentais, que pode ser sintetizado pela expressão - **liberdade com responsabili-**

dade¹⁵ – elemento que marcou sua vida, refletindo no exercício da docência. O grande significado desse tempo de vida é expresso até mesmo quando é questionada sobre o fato de a primeira professora castigar os alunos:

Nas oportunidades castigava porque muitas vezes a gente saía para ir ao banheiro, naquele banheiro antigo, de fossa (...). Um ficava esperando o outro e ia brincar, quando ela descobria (...), onde estão os alunos (...) porque geralmente ela ficava nas mesas passando tarefa (...) e ela saía e ia buscar.

Ainda com relação ao ingresso de sua formação inicial, nossa educadora lembra algumas brincadeiras realizadas no grupo escolar Dr. Vasco dos Reis Gonçalves.

Uma vez, ela [refere-se à primeira professora] foi nos buscar. Nós estávamos brincando de casamento, colocando aquela erva que sobe na cerca, São Caetano. Tinha uma florzinha [...] a gente enrolava na nossa cabeça que era grinalda [...]. E ficava fazendo, repetindo os casamentos, eu tinha apenas seis anos.

Na fala de nossa entrevistada, nota-se que, ao pontuar aspectos do seu cotidiano escolar, de sua infância, aponta aspectos da infraestrutura, além do cotidiano das instituições onde estudou:

Bom, aqui no Vasco dos Reis era igual uma casa de morada, não tinha forro, cada cômodo era uma série. As carteiras eram imensas, para gente sair para ir ao banheiro [...] tinha que sair quase pulando um no outro. Tinha tinteiro, os tinteiros tinham até um buraco assim, circular que colocava o vidro de tinta e as canetas de penas pra gente escrever à tinta [...] De vez em quando a gente estava quase terminando quando o vidro de tinta caía na página [...] E a gente vivia usando esta caneta, às vezes, a caneta abria, era sempre trocando as penas, não tinha essa caneta esférogáfica não. Era difícil [...]

Em relação à escola onde estudou, em Ipameri-GO, ela pontua:

Ipameri, maravilhosamente uma escola de primeira elite... Esse colégio [...]
Eu estudava lá, era uma escola de elite mesmo, a gente sobressaía. Os uniformes: tinha os uniformes de gala, tinha internato e olha, lá era pago e com muita exigência nos uniformes, na vida da gente, aquela comunicação com os pais, era uma escola maravilhosa, viu?

Percebemos a importância que é dada ao lugar da escola em sua vida, não como um espaço vazio e frio, mas sim como um lugar de vida e de relações. A escola também se configura para nossa educadora como uma forma de ascensão social, como parte de um projeto de vida que só a educação escolar pode possibilitar: dominar o código da escrita, decifrar a leitura – entrar para o mundo letrado, conquistar uma profissão. Podemos perceber que a escola é entendida como um rito de passagem que garante outro status, por possibilitar o ingresso ao “mundo do conhecimento”. A escola é lugar por excelência de apreender saberes de outro mundo,

12 Conforme Decreto Lei nº 4.920, de 28 de outubro de 1951, designando-a para exercer o Cargo de Professor Primário classe “D”, em virtude da exoneração de Tereza de Paula Nascente.

13 Data da segunda aposentadoria, conforme Diário Oficial nº 15.968 de 22/05/1990 relativo ao cargo de Professor Auxiliar II, referência E.

14 Entrevista realizada em Urutaí-Go, no dia 05/05/2012, com a professora Maria de Lourdes Carneiro. Deste ponto em diante no texto todas as falas da professora Maria de Lourdes Carneiros, destacadas em itálico, fazem parte desta entrevista.

15 Grifo nosso.

que representa o lugar da informação e de uma vida mais promissora.

Aqui, notamos que estudar fora de casa, ou seja, em Ipameri, exigia um esforço da família, tendo em vista que, de acordo com nossa depoente, era um ensino particular. Essa realidade é referendada por Silva (2008) quando diz que “a permanência na escola foi o resultado do empenho pessoal de familiares, muitas das vezes sem escolarização, que viram, na escola, uma possibilidade de conquista, por parte de seus filhos, de um espaço melhor do que aquele ocupado por eles na sociedade” (SILVA, 2008, p. 25).

Sobre a Universidade onde estudou, a educadora aponta:

Agora [...] na Universidade, a gente até começava até criticar, pensava meu Deus, queria tanto frequentar a universidade, uma simplicidade [...] de vez em quando até quadro caindo, carteiras estragadas, aquela coisa toda, a gente falava meu Deus, não era isso que eu esperava tanto não (risos) mais o ensino era muito bom. Ah, e outro lugar também do CTM¹⁶, eu fui da primeira turma do CTM lá em Inhumas. Eu sonhava com um lugar igual aquele.

É relevante salientar que nossa entrevistada chega a se emocionar ao falar das instituições por onde passou, ficando também evidente todas as dificuldades enfrentadas para que pudesse concluir cada uma dessas etapas, principalmente ao falar do CTM e destacar o fato de se tornar interna, tendo que deixar sua família. No entanto, pudemos constatar que, para a professora Maria de Lourdes Carneiro, era necessário passar por essas etapas, tendo em vista a busca de novos conhecimentos.

Ainda enfocando a ideia de formação, a professora Maria de Lourdes Carneiro nos relata que o Colégio Estadual Dr. Vasco dos Reis foi uma das escolas por onde passou, não tendo sido, entretanto, o único estabelecimento em que estudou:

Eu fui estudar em Ipameri (GO). Fui fazer o admissão, prestava igual o vestibular. E não podia entrar com menos de onze anos. Inclusive eu tive que dar uma parada porque eu não tinha onze anos e tinha que arrumar um advogado pra defender e o juiz permitiu se a gente poderia entrar na quinta série. Eu estudei no colégio Nossa Senhora Aparecida, lá de Ipameri com as Missionárias de Jesus Crucificado. Fiquei seis anos lá estudando.

Segundo a professora Maria de Lourdes Carneiro, essa ida para Ipameri se deu pelo fato de Urutaí não ter escola para quem quisesse prosseguir seus estudos, tendo então a necessidade de os estudantes se deslocarem e migrarem para a cidade vizinha, ou seja, Ipameri. Após os seis anos de estudo em Ipameri, a professora Maria de Lourdes Carneiro cursou o magistério e, em seguida, iniciou sua carreira docente: “comecei a lecionar e fui fazer um curso lá em Inhumas, no CTM... Depois desse eu fui para a Universidade Federal, onde eu fiz Pedagogia e também especialização em Supervisão”.

A trajetória formativa de nossa educadora se assemelha a de muitos educadores brasileiros, que, paralelamente à sua formação acadêmica, exercem a docência. Atualmente, ainda existem professores que cursam licenciaturas e já se encontram exercendo a docência. Essa característica coloca

ao docente/aluno possibilidades reflexivas significativas sobre suas práticas pedagógicas, implicando positivamente a sua formação acadêmica.

O ingresso na profissão docente

Ao dialogarmos com a professora Maria de Lourdes Carneiro sobre o porquê de ter se tornado professora, esclarece: Eu acho que foi minha vocação.

Segundo Bruschini e Amado (1988),

[...] o conceito de vocação foi um dos mecanismos mais eficientes para induzir as mulheres a escolher as profissões menos valorizadas socialmente, influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações, acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira (BRUSCHINI e AMADO, 1988, p.24).

Vocação ou não, o magistério foi sendo construído historicamente como “extensão do trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres” (APPLE, 1988, p.47). E essa composição do gênero na força de trabalho educacional é forte na história da educação brasileira.

Nossa entrevistada comenta ainda que teve oportunidades de estudar áreas que não fossem ligadas à educação, como Direito, mas não aceitou: “alguém me chamava para fazer Direito, eu falava não, eu não quero mentir [...] eu pensava assim ah, eu vou defender um que fez alguma coisa errada, não”.

A atitude de nossa entrevistada faz alusão a Silva (2008) quando comenta que: “Certamente não é por falta de opção de trabalho que alguém decide ser educador.” (SILVA, 2008, p.24). Quando questionada se havia se inspirado em alguém para ser professora e, mais ainda, se a família teria incentivado a referida escolha, pontua que “Não. Nenhuma, foi a diretora aí, não sei por que me chamou, sabe a dona Marília [...] mandou me chamar para lecionar, nunca pedi. Quanto à família, enfatiza: Ah, é claro, meu avô: quando eu chegava lá [...]Vô, eu estou ganhando dinheiro Vô”.

Observamos que, embora nossa depoente não tenha sido estimulada por parte de ninguém da família, obteve o seu apoio, principalmente do seu avô, que sempre ficava satisfeito em ter uma neta professora e que recebia pelo seu trabalho.

Segundo DaMatta (2003), o conceito de trabalho é uma invenção temporal e histórica. O que é considerado trabalho numa época pode não ser considerado em outra, sendo decisivas as normas para o seu reconhecimento. Na sociedade capitalista, o reconhecimento dos diferentes tipos de trabalho está associado à remuneração, implicando que às atividades não remuneradas não se dá o reconhecimento como trabalho. Dessa forma, é evidente que as escolhas profissionais estejam marcadas pelas representações sociais historicamente construídas. No caso de nossa educadora, ser professora também estava nas representações que configuraram historicamente o trabalho feminino. Segundo Dubet (2001):

As experiências sociais são primeiramente individuais, mas são também definidas pelos coletivos que traçam caminhos comuns, como no caso das experiências esco-

16 Centro de Treinamento do Magistério.

lares, das experiências operárias ou outras mais. Na realidade, o que é coletivo são as condições de fabricação das experiências sociais. Mas cada um de nós continua sendo uma forma singular destes quadros coletivos. Como tudo na vida social, as experiências são individuais e coletivas (DUBET, 2001, p.76).

Dessa forma, a sociedade nos obriga a ter um trabalho para ser digno de nela viver. Essa necessidade decorre de pressões sociais que estão inscritas nos ideários da modernidade – exercidos sobre o indivíduo a todo o momento no intuito de discipliná-lo, torná-lo útil, produtivo. Porém, como nos esclarece Giddens (2002), os homens são capazes de, reflexivamente, “usar a história para fazer história” (GIDDENS, 2002, p. 194). Nesse sentido, a história de vida de cada um, resgatada através da memória, pode funcionar como instrumento de poder que abrange todas as dimensões humanas num mesmo embate - a constituição do “eu” -, impulsionando assim o surgimento do que o autor chama de política emancipatória, definida como:

uma visão genérica interessada, acima de tudo, em libertar os indivíduos ou grupos das limitações que afetam negativamente suas oportunidades de vida. Ela envolve dois elementos principais: o esforço por romper as algemas do passado, permitindo assim uma atitude transformadora em relação ao futuro; e o objetivo de superar a dominação ilegítima de alguns indivíduos e grupos por outros (GIDDENS, 2002, p.194).

A professora Maria de Lourdes Carneiro, quando questionada sobre o ingresso na profissão docente, deixa claro que não se sentia preparada para a nova profissão: Sonhava a noite toda, ficava sempre preocupada, pensava, não sei, acho que eu não sei nada. Essas preocupações fazem parte das significações sobre a docência que Silva e Krug (2010) destacam serem construídas muito antes de entrarmos numa sala de aula, uma vez que temos uma representação do que seja um professor com base nos saberes construídos ao longo de nossas histórias de vida. Nossas experiências refletem comportamentos, valores, posturas profissionais e pessoais, que são os nossos primeiros saberes construídos sobre a docência. Assim, o processo de construção do “eu” emancipado exige um movimento que encaminha sempre para uma escolha, conforme assinala Melucci (2004):

Para agir, somos obrigados a fazer escolha, [...]. O paradoxo é evidente: ao mesmo tempo em que ampliam as chances de vida, portanto o espaço de autonomia individual que se expressa na escolha – desde sempre associada à ideia de vontade e liberdade -, torna-se inevitável a necessidade de escolher. Até mesmo a não-escolha nos é apresentada como escolha, uma renúncia de uma possibilidade. É, portanto, uma impossibilidade de não escolher (MELUCCI, 2004, p.63; grifo do autor).

Nesse sentido, podemos inferir que a escolha de uma profissão não é somente pessoal, ela pode ser baseada em condicionamentos sociais mais profundos. Essa escolha leva ao esquecimento de outras influências possíveis, como a vontade própria, por exemplo. Por isso, aquilo que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda (DOMINICÉ, 2010, p.87).

Nossa educadora também destaca que, ao ter optado pela docência, outros desafios lhe foram colocados, tendo em vista a exigência de sua primeira diretora, o que de certa for-

ma reafirmava suas representações sobre a docência.

[...] a diretora era bem enérgica a dona Marília [...]muito boa, mas enérgica. E a gente fazia tudo para apresentar, para sair bem, mas muitas vezes não saía porque a gente era inexperiente [...]Jaínda no começo todo mundo ficava de olho na gente, mas a gente chegava na escola aqui com o magistério. Chegava até falar que [...]Jera pior do que as outras professoras, porque [...]não tinha tanta experiência [...], eles já tinham muita experiência até de lecionar em fazenda [...]. Então [...] fazia tudo para ser uma boa professora, trazia os alunos pra cá, ensinava aumentar, desenhava. [...] tinha exposição de trabalho todo fim de ano, bordado, desenho, tudo que a gente fazia durante o ano, no fim do ano fazia exposição dos trabalhos.

Os novos professores, aqueles que tinham magistério, eram constantemente testados, pois eram considerados sem experiência. Tal situação exigia um maior esforço, principalmente, no que dizia respeito à ampliação da jornada de trabalho, ou seja, além de trabalhar na escola, os alunos eram convidados a irem para a casa da professora para receberem um reforço, porque todo fim de ano tinha as famosas exposições de trabalhos, além das bancas avaliadoras em que alunos e professores eram submetidos. Segundo a professora Maria de Lourdes Carneiro:

Fim de ano tinha prova final [...]depois tinha exame final, chamava tudo enquanto era gente [...]montava uma equipe pra finalizar, pra ver se o aluno era capaz ou não, tirava um ponto, fulano, número tal, português, esse número ia pra matemática, ia pra história de acordo com o caderno era o ponto que chamava e cada um dava sua nota, dava a nota e somava e pegava alguma nota do ano e somava e às vezes o diretor esse aí não dá pra passar não e às vezes a gente achava que devia passar [...]. Mas aquela equipe fazia prova escrita, prova oral, um por ano, sabe?

Após trabalhar no ensino primário no grupo escolar Dr. Vasco dos Reis, a professora Maria de Lourdes Carneiro foi convidada para trabalhar na recém-criada Escola Normal Regional de Urutaí.

[...] depois tinha um senhor que era o Professor Antônio Marum Jorge [...] ele tinha uma loja e tinha muita vontade de trabalhar na educação e pediu para ajudar. Ele entrou com um processo no município pra começar a Escola Normal Regional de Urutaí e foi aceito pela câmara, a prefeitura [...]. Mas só que nós começamos com a admisão, eu ajudava [...] em tudo.

Ao mencionar sua passagem pela Escola Normal Regional de Urutaí, assim como aconteceu quando ingressou no magistério, diz também que não estava preparada. Segundo ela, “E eu falava óh seu Tunico, Tunico era o apelido dele, Antônio Marum Jorge, eu não sou capaz de lecionar, eu tenho vergonha. Ele falou, não, nós temos que valorizar o nosso povo, Juiz, Promotor passam por aqui e nós não, você tem que se valorizar [...]”.

Foi possível pressupor que o motivo pelo qual a professora não se sentia capaz ao trabalhar nessa nova escola estava relacionado ao status profissional oriundo de outras formações, que outros professores tinham, pois ela destaca que

[...] tinha doutor, Doutor Manoel, Doutor Oner que era Promotor, o outro era Juiz, o Doutor Manoel. E tinha também o professor Raimundo, um farmacêutico, [...] e eu me sentia assim, humilhada, eu pensava eu não sou capaz de ser professora aqui não, só no primário mesmo, mesmo assim eu me sentia assim que não era tão capaz.

Segundo Fontoura (2007), fica claro esse primeiro contato com a docência: “a entrada na carreira gera a confrontação com os colegas, com os alunos, a confusão dos papéis, o medo de não ser capaz e, quantas vezes, o isolamento” (FONTOURA, 2007, p. 187, grifo meu).

Ainda com relação à docência, a professora Maria de Lourdes Carneiro nos conta com muito orgulho sua participação na criação da Escola Paroquial “João XXIII”:

E também outra escola que eu não posso esquecer é a Escola Paroquial João XXIII [...] nós começamos a lecionar através de uma entidade que é a Legião de Maria, nós começamos a lecionar [...] na Casa Paroquial e eu fui pedir o prefeito que era o Senhor João Afonso de Rezende [...] para nós sermos do município. Ele falou: hoje nós vamos ter reunião, eu vou dar resposta para você amanhã, quando foi no outro dia ele me chama: dona Maria procura uma professora, quem que eu fui atrás, da Terezinha Maria de Lima Torres [...]

A criação dessa escola, ao que tudo indica, não foi fácil, tendo em vista a existência do Grupo Escolar Dr. Vasco dos Reis, sendo esse um dos locais onde a professora Maria de Lourdes Carneiro exercia a docência. No entanto, isso não desanimou essa educadora que, juntamente com a nova professora, saiu à procura de alunos,

[...] nós saímos na rua procurando aluno, não tiramos aluno do Vasco dos Reis, procuramos aqueles alunos que tinham deixado de estudar, aí formou uma sala de aula com várias séries e alugou uma casa [...] primeiro estava funcionando na Casa paroquial mas como o padre chegou em 65 não tinha condição de dar aula mais ali.

A constante preocupação em desempenhar um excelente papel enquanto professora levou a entrevistada a passar por algumas questões embaraçosas, como comprova seu relato:

[...] não vou lecionar porque eu tenho vergonha do Secretário da Educação. Eu nunca quero me encontrar com o Secretário da Educação. Certo dia, aqui no Vasco dos Reis, que estava funcionando a Escola Normal Regional de Urutaí eu na secretaria ali, naquela mesma sala de entrada que até hoje existe. Quem que recebe o Secretário de Educação? Eu, sem saber, cumprimentei, perguntou pela Diretora, fui atrás da diretora, entrou, mandei sentar e os dois conversaram, quando eu escutei o diretor falar que era o secretário da educação quase que eu saí correndo, aí pensei: ah, não é assim como eu pensava, aquele medo do secretário da Educação.

No que diz respeito aos cursos de aperfeiçoamento, nossa entrevistada pontua: “quase todos os professores [...] só tinham o primário. Aí tinha cursos aqui em Pires do Rio¹⁷, aqui até no Colégio Agrícola. Depois começou a criar o nor-

mal nas escolas. Eu comecei, até deixei uma sala de aula para lecionar para os professores, sabe?”

É possível dizer que na época vivenciada pela professora Maria de Lourdes Carneiro já havia uma preocupação quanto à qualificação dos professores, tendo em vista as lembranças relatadas acerca do pouco estudo por parte deles, ou seja, quase todos só tinham o primário.

A professora Maria de Lourdes Carneiro, durante sua carreira docente, realizou diversos cursos, tanto em Urutaí como nas cidades circunvizinhas, como Ipameri, Pires do Rio, Inhumas, Goiânia, entre outras. Ainda relativo a alguns desses cursos, ela comenta que: “Então eles faziam prova aqui no Normal Regional, [...] recebia o diploma, tinha formatura e quase todos ficaram com o magistério. Às vezes faziam segunda época, segunda chamada [...] porque às vezes não passava em todas as matérias [...]. Tinha que voltar para fazer”.

Outra questão a ser observada a respeito desses cursos diz respeito à dificuldade referente a eles. Embora os professores participassem, não eram todos que conseguiam êxito. No entanto, tudo indica que sempre estavam procurando qualificação.

O dia a dia da profissão

A vivência cotidiana é o que possibilita experimentarmos uma diversidade de situações e, segundo Josso (2010), ela adquire o *status* de **experiência formadora**¹⁸, em função do saber que resulta desta reflexão sobre nosso modo de simbolizar o que nos aconteceu e como a experiência nos afetou.

O dia a dia da profissão indicava um rigor metódico, dos processos de planejamento e desenvolvimento das atividades docentes:

Preparava, tinha um caderno. Até hoje encontro cadernos, meus cadernos estão por aí. Eu tinha um caderno de planejamento, a gente fazia tudo que ia passar se era português, matemática [...]. Toda a vida a gente tinha cadernos, bons aqueles bons professores [...] mais a diretora apertava com todo mundo também para mostrar [...], às vezes, rubricava nos cadernos.

Notamos que havia uma grande exigência por parte da direção da escola quanto ao planejamento das aulas, o que faz da figura do caderno de planejamento uma peça de grande importância. Quanto à maneira como trabalhava com os alunos, comenta que “a Dona Marília [diretora] já elaborava os pontos e a gente trabalhava dando atividades para os alunos. Todos os dias os alunos tinham que fazer cópia, a gente corrigia as cópias. Todos os dias a gente corrigia caderno”. Nossa entrevistada ainda compara a sua época de atuação na docência com os dias atuais, enfatizando que: “Não é igual, às vezes, hoje [...] não tem a correção, era correção diária, essa mesa aqui contava, era até tarde da noite corrigindo caderno e o aluno fazendo cópia para desenvolver [...] tinha o caderno de cópia”.

Podemos perceber também um olhar para si, entrelaçado com questões subjetivas na relação professor-aluno:

17 Cidade próxima a Urutaí.

18 Grifo nosso.

Bom, tinha ano que eu notava que eu era mais calma, fim de ano a gente não sabe se é o aluno que está impossível ou se é a gente. Parece que a gente vai cansando, porque [...] estava trabalhando em dois períodos [...] e a noite na escola paroquial a gente dava aula e trabalhava na igreja também. Então meu tempo era corrido e às vezes [...] notava quando começava, a gente bem calma os alunos ficavam mais calmos, quando a gente começava a exigir ou falar mais alto, os alunos ficavam mais impossíveis e também cada turma é diferente, a gente pegava turma terrível. Mas[...] tinha mais liberdade. [...] mas [...] às vezes tinha pais que não corrigiam os filhos e quando a professora corrigia ele vinha dedar o professor, sabe, dedava mesmo o professor.

Pelo que foi mencionado acima, a ideia de ser exigente assume vários significados, de acordo com o momento. Interessante observarmos também que a nossa educadora acaba enfatizando que essa exigência se dava em função da turma, ou seja, uma turma mais calma exigia um professor também calmo, ao passo uma turma mais difícil exigia um professor mais rígido, conseqüentemente mais exigente. No entanto, essa exigência tinha um limite, quando em alguns momentos os próprios pais chegavam a procurar a escola para reclamar do professor.

A professora Maria de Lourdes Carneiro, ao longo do magistério, trabalhou com turmas diversificadas. E não esconde o seu fascínio pela turma da terceira série, hoje segundo ano do ensino fundamental. É também visível que o cansaço às vezes aparecia, em virtude de sua carga horária, visto que chegava em alguns momentos a trabalhar três períodos. Entretanto, no decorrer da entrevista ficam claros diversos momentos de emoção quando ela fala do período exercido no magistério.

Eu trabalhei em todas (se refere ao fato de ter lecionado em todas as séries da educação infantil e primeira fase do ensino fundamental). Não gostei muito de lecionar na segunda e quarta porque repete... Eu gosto de novidade, eu gosto de sentir o aluno crescer, ver o aluno crescer e no outro a gente não via crescer e às vezes ele chegava até piorar ao invés de melhorar e fiquei na terceira série muitos anos. Quarta eu lecionei uma vez, segunda só duas, primeira não gostei, depois não queria segunda por nada. E pré (refere-se à turma do Jardim, nos dias atuais) [...]. Eles quase morriam de rir, as diretoras ficavam me olhando e diziam que eu saía da sala cantando [...]. Até hoje quando estou cansada eu canto.

E foi o fascínio pela música que fez com que participasse do coral da Igreja Católica por muitos anos. Quanto ao relacionamento com os colegas, a entrevistada diz:

Muito bom [...] Porque aqui nós podemos ver algumas que estão vivas e a gente sente saudade até hoje, comunica até hoje, encontra, conversa o tempo todo, tem aqui a dona Cidália [...], fora os outros, Tereza Nascente a gente continua tendo amizade.

Ao abordar sua relação com a política de maneira em geral, a mesma comenta que:

Eu nunca fui muito política. [...] as diretoras tinham que ser políticas, mas políticas mesmo ou se não elas saíam. De acordo com o partido era que elas ficavam. Quando foi emancipar Urutai, era uma diretora por causa do PSD [...] e outra era da UDN, David Cosac NE? O David Cosac ganhou, a do PSD saiu, entrou a da UDN que é a dona Nair e assim fazia, e, nossa, a gente votando, não que-

rendo falar em quem votou. Eles, parece que queriam até descobrir pra quem a gente votou. Essa tal de política é muito difícil. Mas como até hoje?

Os enunciados acima nos possibilitam estabelecer um paralelo com Demartini (2008), quando pontua que:

A dimensão política também não pode ser ignorada: os professores estavam diretamente envolvidos nas disputas entre os partidos políticos, vinculando-se a eles segundo as regras clientelistas do período, sujeitando-se em suas carreiras às ingerências e injustiças praticadas [...] (DEMARTINE, 2008, p.55).

Essa concepção da política clientelista pode ser compreendida como um dos fatores da desvalorização profissional dos professores da época e que se estende de certa forma até os dias atuais. Nossa educadora relata que recebia o salário com atrasos constantes

Nós recebíamos quando os vaqueiros vendiam suas vacas e pagavam o imposto, era na coletoria. Às vezes, a gente ficava meses sem receber, então a diretora ficava atrás das pessoas que estavam vendendo gado pra passar lá na coletoria, chegava até denunciar para eles pagarem [...] tinha ano que ficava até seis meses professora sem receber.

Era também comum que, ao receberem seus salários, tivessem que doar todo o vencimento para ser aplicado na melhoria da escola: “Quando nós começamos a ganhar, ninguém recebia um tostão, nós investíamos tudo na escola, entregava, assinava que tinha recebido, mas não recebia um tostão, dois anos nós fizemos isso”.

Além de não receber de forma contínua e ter que exercer normalmente, ou seja, ininterruptamente a docência, o professor daquela época ainda exercia outras atividades paralelas: [...] “quantas vezes que a diretora pedia a gente pra fazer alguma coisa, folha de ponto, de pagamento, essas coisas, eu mesmo fazia, fazia ata, essas coisas”.

Sobre a qualidade dos salários da época, enfatiza:

Como até hoje. Quando eles olhavam meu salário falavam é isso que você ganha? A gente nem mostrava pros outros [...]. A diretora que mandava pagar a gente, sabia de casa em casa, pra entregar o troco, pra pagar [...]. É, muito pouco como é até hoje, você sabe que nunca melhorou para nós [...], sempre a gente fica pra trás né, por isso que a gente acha as coisas caras porque a gente ganha pouco [...]. Quem ganha muito acha tudo baratinho.

A partir das reflexões expostas acima, observamos que tanto no início da carreira docente, quanto em alguns momentos específicos, a questão financeira era algo complicado, tendo em vista que era comum trabalhar e não receber. E quando recebiam, ainda tinham que doar para a instituição em que trabalhavam.

Porém, paralelamente, a professora Maria de Lourdes Carneiro também nos relata que o sonho em receber o primeiro salário era grande.

Primeira coisa, eu falei, primeiro dinheiro que eu vou receber eu vou comprar um óculos escuro e uma blusa bordada à mão. Comprei. Chegava lá em Ipameri de charrete, de óculos (risos), olha o táxi. Chegava de trem de ferro da estação eu pegava a charrete [...]. Ai eu já punha o óculos escuro e chegava toda [...]

É possível estabelecermos uma relação entre o rece-

bimento do salário e a realização de sonhos, mas não podemos deixar de destacar que, possivelmente, muitos professores abriam mãos de alguns sonhos, em função do não recebimento do salário. No entanto, quando recebiam isso gerava uma satisfação enorme, como, por exemplo, no caso da professora Maria de Lourdes Carneiro, a tão sonhada possibilidade de adquirir óculos e uma blusa bordada à mão.

A aposentadoria como um tempo de novas construções

O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem.

FERNANDO PESSOA (1986)

Aposentar, para a entrevistada, não significou um momento para parar, mas para buscar novos caminhos. Naquela época, era comum que o professor tivesse duas nomeações e no caso da nossa entrevistada não foi diferente: ao iniciar, no primário, foi nomeada e depois ao passar a lecionar na Escola Normal Regional de Urutaí, foi nomeada novamente, tendo então dois cargos. A professora Maria de Lourdes Carneiro nos relata também sobre a ideia que tinha/tem da aposentadoria:

A princípio, quando falava em aposentadoria eu tinha vontade de chorar. Eu pensava não vou me acostumar, eu não quero me aposentar, porque quando eu comecei a lecionar eu pensei: acho que vou lecionar só um ano, olha quantos anos né. Eu pensava, eu vou chorar demais se eu me aposentar porque eu gosto de trabalhar.

No decorrer da entrevista, notamos a ênfase que é dada à ideia de aposentadoria, e a fala da educadora deixa transparecer que ela não se sentia preparada para se aposentar, uma vez que, inclusive, salienta que gostava tanto da docência que nunca quis tirar uma licença prêmio. Como não podia deixar de ser, o dia da aposentadoria chegou: “quando eu me aposentei eu não chorei, acho que já estava um pouco cansada, não sei, eu não chorei, mas também sou muito grata sabe”.

A professora Maria de Lourdes Carneiro, ao fazer uma análise de sua vida enquanto professora, traz à tona alguns receios,

Tenho muita vergonha do que passou que eu não fiz certo, para mim eu sinto que os alunos tem na cabeça uma filmagem da gente. De vez em quando, um fala até mentindo: a senhora puxou minha orelha, eu nunca puxei a orelha de um aluno, dar uma reguada eu já dei muito, quando podia. Não podia não mas ninguém implicava. Os outros professores eram acostumados a gente não dava conta sem dar uma reguadinha em algum aluno, ou amedrontar. Mas até hoje alguém fala eu fui aluno da senhora, eu penso ai meu Deus a filmagem minha na cabeça de cada um dos alunos.

É notório que o juízo feito por ex-alunos ainda é importante para a entrevistada. Isso ocorre pelo fato de, em sua visão, os alunos lembrarem sua maneira de dar aula, de possivelmente ter deixado de ensinar alguma coisa; e, principalmente, por acreditar estar viva na mente de alguns que foram seus alunos. Para Furlanetto (2008), “observamos que os docentes, ao entrarem em contato com seus processos de formação, perceberam a riqueza e singularidade desses processos, além de sua articulação com seus Projetos Existenciais” (FURLANETTO, 2008, p. 188).

38 - Revista Cocar. Belém, vol. 8, n.15, p. 31-40/ Jan-Jul 2014

Nessa perspectiva, nossa entrevistada ainda chega a fazer um desabafo: “passa o dia do professor que eu não ganho nem um cumprimento, nem um parabéns e fala que eu fui uma das melhores professoras dele, que não sei o quê, de certo eu não ensinei também cada um cumprimentar seu professor [...]”.

No relato acima, quando expressa não ter-lhes ensinado a serem gentis, depreendemos que, apesar de tentar se habituar à ideia de se aposentar, há o ressentimento de cair no esquecimento, a atribuição para si da culpa pela falta de lembrança de seus ex-alunos, quando expressa não ter-lhes ensinado a serem gentis. A professora Maria de Lourdes Carneiro ainda comenta que “mesmo aposentada eu continuo sempre trabalhando, sempre se precisar de mim eu estou à disposição”.

A visão da docência contemporânea

Após fazer uma rememoração de sua vida profissional/pessoal/familiar, a professora Maria de Lourdes Carneiro também nos fala sobre a visão que tem do professor hoje em dia:

não me entrosso muito assim nas escolas para saber como que está acontecendo, só que o professor ele está sendo muito limitado [...] porque muita coisa, às vezes, ele não pode fazer. E, às vezes, pode até pensar em [...], é, pode acontecer, como acontece, nos outros lugares, aluno matá-lo, qualquer coisa assim.

Estaria a professora dizendo que na sua época havia mais autonomia do professor, frente à limitação que o mesmo apresenta hoje, na sua ação pedagógica? Talvez sim, e por isso manda um recado para aqueles que estão na academia se preparando para se tornarem professores:

[...]Jeu gostaria de dar um bom conselho porque a gente está trabalhando com uma pessoa humana [...] Eu vou primeiro dizer o que [...] eu fiz durante meu tempo. Toda vida eu dei aula de formação religiosa, um dia o diretor da escola Normal Regional tirou aula de religião, eu me afastei da escola e um professor escreveu que ele um dia foi fazer uma análise dos alunos, dos ex-alunos, ele anotou ex-alunos na cadeia, ladrão, assassino [...] e assim por diante. Muitos. Então ela estava clamando a todos os professores, não pense só em português, matemática, história e geografia, dê formação religiosa, prepare esses alunos para a vida [...], então toda a vida eu nunca aceitei não dar religião. Numa escola pode brigar, mas eu dou porque é aquilo que vai formar o aluno para a vida, não é o português e a matemática não.

A professora Maria de Lourdes Carneiro faz questão de pontuar a importância de se pensar num ensino que abrange a diversidade, ou seja, embora não descarte a importância de disciplinas como o português, a matemática e outras, enfatiza também a necessidade de trabalhar com a formação religiosa, numa perspectiva de formação humanizada.

Inferimos que a docência, na perspectiva apontada aqui, não significa apenas transmitir conhecimentos. Mas, acima de tudo, construir conhecimentos, oriundos das ações, das convivências e de diversas outras relações refletidas com diversos outros sujeitos sociais, seja na escola, na família, ou na sociedade em geral.

Considerações finais

A trajetória de vida da Professora Maria de Lourdes Carneiro, aqui narrada, remete ao campo da formação de professores que historicamente vem sendo constituído no Brasil, contribuindo de forma significativa para a sua reconfiguração, numa perspectiva de ser pensada num continuum, em seu sentido amplo. Em outras palavras, remete à formação de professores que rompe com a ideia fechada de formação inicial centrada apenas em técnicas e voltando-se para uma formação totalizante e humanizadora, que se dá na complexidade do contexto sócio-histórico, por meio dos diferentes processos interativos, em que os saberes vão se revelando e se entrelaçando nas vivências do mundo da vida.

Esses saberes, segundo Pimenta (2008), fazem parte de nossa trajetória, pois

Quando os alunos chegam ao curso de formação inicial, já tem saberes sobre o que é ser professor. Os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda sua vida escolar. Experiência que lhes possibilita dizer quais foram os bons professores, quais eram bons em conteúdos, mas não em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais professores foram significativos em suas vidas, isto é, contribuíram para sua formação humana. Também sabem sobre o ser professor por meio da experiência socialmente acumulada, as mudanças históricas da profissão, o exercício profissional em diferentes escolas, a não valorização social e financeira dos professores, as dificuldades de estar diante de turmas de crianças e jovens turbulentos, em escolas precárias; sabem um pouco sobre as representações e os estereótipos que a sociedade tem dos professores, através dos meios de comunicação. Outros alunos já têm atividade docente. Alguns, porque fizeram magistério no ensino médio; outros, a maioria, porque são professores a título precário (PIMENTA, 2008, p. 20).

Referências

- ABRAHÃO, M. H. M. B. (ORG.) **EDUCADORES SUL-RIO-GRANDESES: Muita Vida nas histórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- APPLE, Michael. Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e ideologia. **Cadernos de pesquisa** (64). Trad. Tina Amado. São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1988.
- BRUSCHINI, Cristina e AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: Algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de pesquisa** (64). São Paulo: Cortez/Fundação Carlos Chagas, 1988.
- DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Das histórias de vida às histórias de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de & MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.) **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In. NÓVOA, Antônio; FIN-GER, Mathias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN, 2010.
- DUBET, Francois. As desigualdades multiplicadas. In: **Revista brasileira de educação**. Belo Horizonte N. 17 (maio/ago. 2001), p. 5-19, 152.
- FONTOURA, Maria Madalena. Fico ou vou-me embora? In: NÓVOA, Antônio (org). **Vida de professores**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Direção, organização e notas: Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP, 1998.
- FURLANETTO, Ecleide Cunico. Matrizes pedagógicas e formação de professores Um olhar sobre as histórias. In: BENZATTI, Ana Lucia Fagliari; NHOQUE, Janete Ribeiro; ALMEIDA, Julio Gomes (orgs.) **Histórias de vida: quando falam os professores**. São Paulo: Scortecci, 2008.
- GAUTHIER, C. Por uma teoria da pedagogia. **Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. 2. ed. Ijuí, (RS): Editora Unijuí, 2006.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HONÓRIO FILHO, W. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. In: **Revista Actualidades Pedagógicas**, N° 54. Ediciones Universidad

De La Salle, Bogotá, Facultad de Educación, jul/dez 2009. ISSN: 0120-1700

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Lisboa: Porto Editora, 1999.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

JOSSO, Marie-christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre:Edipuc, 2010.

JOSSO, Marie-christine; Prefácio. In: **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Elizeu Clementino de Souza; Maria Helena Menna Barreto Abrahão (Org.). Porto Alegre. Edipucrs, 2006.

LOPES, Lourival da; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Método autobiográfico, histórias de vida e reflexividade na formação de professores**: narrativas de professores aposentados. Disponível em: www.ufpi.br, acessado em abril de 2012.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. Tradução: Luisa Rabolini. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992a.

PERETZ, Miriam Bem. Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, António (org). **Vida de professores**. Porto (Portugal): Porto Editora, 2007.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**, vol. I. São Paulo:Brasiliense, 1986.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez,

2008. p. 15-34.

SILVA, A.R.; KRUG, H.N. Aprendendo a ser professor: a dinâmica da trajetória formativa que tece as concepções da formação profissional na Educação Física. **Revista Digital Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, a.14, n.140, p.1-6, enero, 2010. <http://www.efdeportes.com/efd140/concepcoes-da-formacao-profissional-na-educacao-fisica.htm>

SILVA, Jair Militão da. Ser professor, eu? Continuar sendo professor, eu? A resposta é.... In: BENZATTI, Ana Lucia Fagliari; NHOQUE, Janete Ribeiro; ALMEIDA, Julio Gomes (orgs.) **Histórias de vida**: quando falam os professores. São Paulo: Scorteccei, 2008.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 4ª Ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2008.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário**: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LISTA DE FONTES

Fonte escrita

Decreto Lei nº 4.920, de 28 de outubro de 1951.

Diário Oficial nº 15.968 de 22/05/1990.

Fonte oral

Maria de Lourdes Carneiro, 79 anos. Professora Aposentada, residente na cidade de Urutai-GO. Entrevista realizada no dia 05/05/12.

Maria Carolina Forte

Professora Doutora do Instituto Federal Sul Rio-Grandense – Campus Passo Fundo. E-mail: mcarolbf@gmail.com

Recebido em: 29/10/2013

Aceito para publicação em: 06/03/2014

Sobre os autores

Wolney Honório Filho

Professor Doutor do Departamento e Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Líder do NEPEDUCA – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Catalão. E-mail: whonoriof@gmail.com.

Rubislei Sabino da Silva

Aluno do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Email: profrubislei@gmail.com